

Cidade Passo. Reflexões sobre uma cartografia movediça

Vania Medeiros Moreira

Mestranda em arquitetura e urbanismo na Universidade de São Paulo pela linha de pesquisa Design e Arquitetura: Interrelações.

Resumo: Este artigo busca refletir sobre os primeiros experimentos de uma investigação-ação que retoma a noção de psicogeografia (cunhada pelo escritor francês Guy Debord) para a criação de mapas subjetivos de São Paulo a partir do procedimento das *entrevistas passo*. Partimos do pressuposto de que estes mapas são narrativas que, para além de seu valor estético, são dotadas de grande potencial disparador de reflexões e relações individuais no espaço urbano, com reverberações que chegam a esferas mais amplas dentro do pensamento sobre design, arquitetura e o urbanismo nas cidades.

Palavras Chave: Processos criativos. Design experimental. Cartografia subjetiva.

City Pass. Reflexions on a quicksand cartography

Abstract: This article intends to reflect about the first experiments of an investigation-action that retakes the notion of psychogeography (given by the french writer Guy Debord) for the creation of subjective maps of São Paulo from the procedure of *Pass interviews*. We consider that these maps are narratives that, further than its aesthetic value, have significant potencial of stimulating individual reflexions and relations on the urban space, with reverberations that reach broader levels in the thinking of design, architecture and urbanism in the cities.

Keywords. Creative processes. Experimental Design. Subjective Cartography.

Este trabalho se remete ao final dos anos 1950, no bojo da discussão sobre os primeiros efeitos da modernização da cidades e o decorrente crescimento da alienação dos espaços urbanos como lugar de convivência. Artistas e intelectuais reunidos na *Internacional Situacionista*¹, na cidade de Paris, em especial o escritor Guy Debord, propuseram o caminhar como método “passional” objetivo de exploração da cidade. O intuito era opor-se ao funcionalismo moderno, racional, que já notavelmente priorizava o fluxo de carros e construções de grande escala em detrimento do espaço relacional, lento, humano, do pedestre. Os situacionistas elaboraram o que chamou-se de “teoria da deriva”, que tomava o “perder-se” como um valor analítico, crítico e poético. A deriva seria a apropriação do espaço urbano pelo pedestre através da ação do andar sem rumo, obedecendo ao que Guy Debord chamou de “psicogeografia”.

O próprio Debord define o termo:

A geografia, por exemplo, explica a ação determinante de forças naturais gerais, como a composição dos solos ou os regimes climáticos, sobre as formações econômicas da sociedade e, por isso, sobre o conceito de mundo que esta pode ter. A psicogeografia seria o estudo das leis exatas e dos efeitos precisos do meio geográfico, planejado conscientemente ou não, que age diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos. O adjetivo psicogeográfico, que guarda uma imprecisão interessante, pode portanto ser aplicado aos dados estabelecidos por esse gênero de pesquisa, aos resultados de sua influência sobre os sentimentos humanos e até, de modo mais geral, a qualquer situação ou conduta que pareçam provir do mesmo espírito de descoberta. (DEBORD apud JACQUES, 2003, p. 39)

A criação de mapas subjetivos foi uma prática fundamental para os estudos situacionistas. As derivas eram registradas de diversas maneiras – textos, desenhos, colagens, fotografias, filmagens etc – e a partir desses registros eram feitas composições que pouco ou nada tinham da cartografia tradicional, mas que pretendiam trazer representações de trajetos experimentados dentro da cidade.

O primeiro mapa psicogeográfico pensado de fato para uso de um público é *La Guide Psychogeographique de Paris: Discours Sur Les Passions D'Amour*, feito por Guy Debord, em 1956. “Está concebido para ser um mapa dobrável para ser distribuído aos turistas; mas é um mapa que convida a perder-se. (...) Ao abrirmos esse estranho guia, encontramos Paris explodida em pedaços, uma cidade cuja unidade foi completamente perdida e na qual reconhecemos apenas fragmentos da cidade histórica que flutuam num espaço vazio. O hipotético turista deve seguir as setas que unem *unidades de ambiente*, zonas homogêneas determinadas com base em relevos psicogeográficos.” (CARERI, 2013, p. 92) A seguir a imagem:

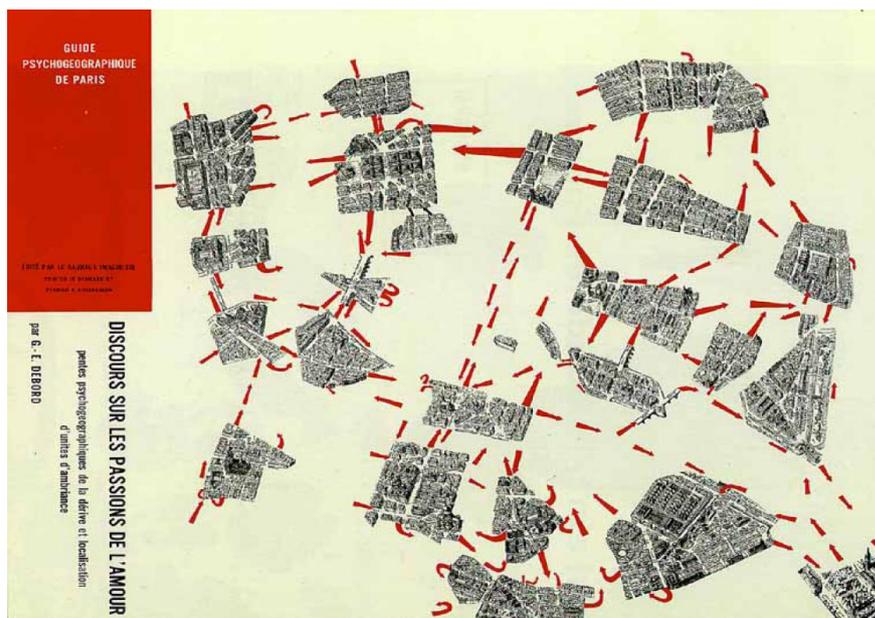


Figura 1: *Guide Psychogéographique de Paris: Discours Sur Les Passions D'Amour*, Guy Debord (1956)

O mapa sugerido por Debord se vale da interrupção, do corte, da descontinuidade, do vazio como percurso. Aonde um mapa como esse poderia nos levar? Talvez a pergunta correta a fazer seja menos “a que lugar” e mais “a que estado” esse mapa poderia nos levar?

“Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experiência ancorada no real. O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. (...) O mapa é aberto, conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como uma obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação”. (DELEUZE; GUATTARI 1996, p. 22)

A definição de Deleuze e Guattari reproduzida acima descreve os mapas produzidos pelos situacionistas. São imagens que buscam sugerir formas de apreensão do espaço, ao invés de descrevê-los. São relatos, montagens, estruturas porosas, obras abertas, sem intenções didáticas e sim propositivas. Dispositivos de ações subjetivas.

A relação desses mapas com a cartografia tradicional é livre, resguardada de compromissos e fidelidade, porém vale-se da potência dos planos cartográficos em gerar pontos de ancoragem para ideias abstratas no espaço real. Para produzir o seu *Guide Psychogéographique*, Debord utilizou o mapa *Plan de Paris à vol d'oiseau* desenhado por Georges Peltier, que representa uma vista aérea de Paris extremamente detalhada, feita à mão. Este mapa é um plano clássico da capital francesa e sua feitura durou 20 anos, tendo sido iniciada em 1920 e finalizada em 1940.

A operação de Debord no mapa de Peltier corresponde a um movimento de destruturação de uma imagem contínua, totalizante da cidade e sugere ao observador uma desorientação, ao separar as regiões em pequenas ilhas ou “unidades de ambiência”, conectadas arbitrariamente, subvertendo a noção de proximidade, distância, fronteiras.

O objetivo de Debord era distribuir esse guia aos turistas para que eles pudessem se perder na cidade, e que o mapa fosse feito com novas derivas.

Já *Naked City: illustration de l'hypothèse des plaques tournantes*, de 1957, outro mapa realizado por Debord partindo do mesmo princípio de fragmentação, está composto por dezenove partes de um plano oficial da área central que está no *Guide Taride* de Paris. “Flechas em vermelho com densidades variadas indicam as direções espontâneas dos segmentos psicogeográficos, com suas forças de atração e repulsão entre as placas urbanas sinalizando graus de intensidade e comprimento dos relacionamentos surgidos durante a deriva entre essas áreas. Caminhar usando esses mapas significa navegar sobre os vazios de uma paisagem psíquica para encontrar as nossas próprias conexões, refazendo a nossa orientação sobre a cidade e seu planejamento.” (MESQUITA, 2003, p. 20)

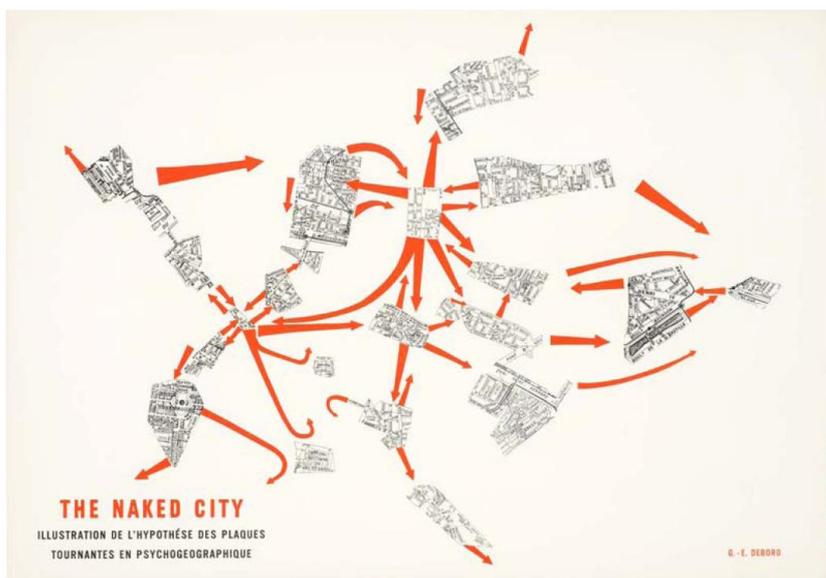


Figura 2: *Naked City: illustration de l'hypothèse des plaques tournantes*, Guy Debord (1957)

Estes mapas – em pleno sentido deleuziano – representam narrativas da investigação-ação situacionista, levada a cabo fundamentalmente através de experiências do corpo no espaço. Como transmitir uma experiência vivida sem

cristalizá-la, transformando-a num convite à ação? Essas imagens são exercícios nesse sentido. São “narrativas errantes”, para usar o termo de Paola Berenstein Jacques.

Através dos diferentes trabalhos, imagens (fotos, filmes, cartografias), músicas ou escritos desses artistas, ou seja, através de suas narrativas errantes, é possível apreender o espaço urbano de outra forma, partindo do princípio de que os errantes questionam o planejamento e a construção dos espaços urbanos de forma crítica. O simples ato de errar pela cidade pode assim se tornar uma crítica ao urbanismo como disciplina prática de intervenção nas cidades. (JACQUES, 2012, p. 30)

A busca de novas formas de vivenciar a cidade entrelaça-se, portanto, com a busca de novas formas de narrar estas experiências – sejam elas através da escrita, da música, da performance, do design. O erro como metodologia de exploração da cidade acompanha o erro como investigação de linguagem para narrativas urbanas.

As narrativas urbanas resultantes das experiências realizadas pelos errantes, sua forma de transmissão e compartilhamento, podem operar como potente desestabilizador de algumas das partilhas hegemônicas do sensível e, sobretudo, das atuais configurações anestesiadas dos desejos. (JACQUES, 2012, p.11)

A reflexão sobre o caminhar leva inevitavelmente ao encontro com o conceito de nomadismo. Etimologicamente falando, o termo nômade “define aqueles que conduzem rebanhos no pasto, povos que se movem como animais de um lugar para o outro, sem se fixar em uma localidade”. (BARBOSA, 2012, p. 17) Porém, Deleuze e Guattari em seu “Tratado de nomadologia: A máquina de guerra”, afirmam ser limitante definir o nômade pelo movimento, uma vez que seu *ethos* se define mais por sua relação com o espaço do que propriamente por seu deslocamento.

Retomamos a seguir três características do comportamento nômade, destacadas por Lara Leite Barbosa, do texto citado de Deleuze e Guattari, que apontam para o escopo do trabalho prático que buscamos desenvolver:

- O caminho é importante, além de *como* chegar a algum lugar.
- Vida que acontece nos intervalos entre os momentos em que se fixam.
- A terra é solo ou suporte escolhido segundo sua disponibilidade; é desterritorializada. Instalam-se em lugares vazios, como onde a floresta recua ou o vento se propaga.

(BARBOSA, 2012, p. 18/19)

A mesma autora demonstra amplamente que o pensamento nômade – sua lógica de trocas com o ambiente em detrimento do acúmulo e descarte - tem enormemente a

agregar às estratégias de sustentabilidade das cidades. Isto se dá, em grande parte, na medida em que constrói-se uma relação menos funcionalista com o espaço quando se permite uma aderência maior ao *caminho* – o ser lento – e quando se permite que a fruição não esteja subjugada aos ditames do tempo funcional. Olhar mais detidamente e, porque não dizer, mais afetivamente para o entorno pode ser um disparador de um novo tipo de consciência crítica. “O despertar da consciência regional é, antes de tudo o resgate de sentimentos, pensamentos e ações ecológicas” (BARBOSA, 2012, p.75) – lembrando que a palavra ecologia deriva seu significado de uma noção habitacional (eco = casa). A citada “consciência regional” pode ser observada em diversas escalas e, no presente experimento, buscamos considerar a dimensão mais imediata de relação com o espaço, a do convívio cotidiano, buscando as relações possíveis entre o corpo e o urbano.

A invenção formas de experimentar fisicamente a cidade através da errância – tendo as narrativas errantes como parte intrínseca da mesma experiência -, possuem o potencial de transformar relações com o espaço em diversos níveis, desde o lugar de fruição mais imediato do pedestre, até um âmbito mais amplo, projetual, considerando um design urbano, uma arquitetura e um urbanismo que coloquem o humano – sua escala, sua “lentidão” - no centro.

Nesse espaço de encontro, o caminhar revela-se útil à arquitetura como instrumento cognitivo e projetual, como meio para se reconhecer dentro do caos das periferias uma geografia e como meio através do qual inventar novas modalidades de intervenção nos espaços públicos metropolitanos, para pesquisa-los para torna-los visíveis. Com isso não se quer incitar arquitetos e paisagistas a deixar as mesas a deixar as mesas de desenho para colocar nas costas a mochila da transurbância nômade, nem teorizar sobre a ausência total de percursos a fim de que o cidadão se perca, embora, mais frequentemente, o errar pudesse ser considerado como um valor, invés de um erro. O que se quer indicar é o caminho como um instrumento estético capaz de descrever e modificar os espaços metropolitanos que muitas vezes apresentam uma natureza que ainda deve ser compreendida e preenchida de significados, antes que projetada e preenchida de coisas. (CARERI, 2013, p. 32)

Entrevista passo

A *entrevista passo* é o “método passional objetivo” que criamos neste trabalho para explorar a cidade, e enquadra-se na ideia da “construção de situações”, situacionista. Esta experiência consiste em caminhar com o outro sendo levado pelas demandas de sua psicogeografia enquanto se conversa sobre a paisagem, para posteriormente transformar esta vivência em mapa.

No filme “Onde Fica a Casa do Meu Amigo?”², do cineasta iraniano Abbas Kiarostami, um velho guia o menino que busca apressado pelo vilarejo a casa de seu amigo, enquanto tenta responder-lhe as muitas perguntas. Chega um momento em que, ofegante, lhe diz: “Se falo, ando mais devagar”. Ao que o pequeno retruca: “Então não fale”. Pois bem, aqui, nas *entrevistas passo*, o falar sobre o caminho percorrido cadencia o caminhar lento. A lentidão aqui é a maior qualidade do experimento, é o que gera a paisagem, engendra as buscadas *situações*.

Sobre o ato de caminhar na cidade, Michel De Certeau observa o contraste entre ver a cidade do alto de um prédio como um conjunto totalizante no qual o mapa urbano torna-se um gráfico e de onde o indivíduo pode munir-se de um “olhar estratégico”, fazendo suposições a priori, em oposição ao “olhar tático” de quem caminha e vivencia de dentro os detalhes do cotidiano, reapropriando-se deles. (MESQUITA, 2013, p. 18) As *entrevistas passo* são uma criação de situação em que prescindimos de estratégias e partimos para o chamado olhar tático descrito por De Certeau.

As imagens (mapas), bem como os textos produzidos a partir dessas situações são entendidas desde o princípio como *agenciamentos*, no sentido deleuziano. Os textos são compostos de trechos das conversas gravadas, sem delimitar qual é a fala do entrevistado e a da entrevistadora. Reflexões a posteriori também estão incrustadas nos parágrafos, bem como vozes de outros autores que perpassam a pesquisa. São extratificações, tecido heterogêneo, dialógico, sinestésico e “nada têm a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir.” (DELEUZE; GUATTARI 1996, p. 13)

Busca-se criar pontos de fuga em uma imagem pré-determinada da cidade, “decalcada”, que existe na memória longa, antes de ser vivida pelo corpo no espaço. Perseguimos um desenho que busca “seguir sempre o rizoma por ruptura, alongar, prolongar, revezar a linha de fuga, fazê-la variar até produzir a linha mais abstrata e a mais tortuosa, com n dimensões, com direções rompidas”. (DELEUZE; GUATTARI 1996, p. 20)

Para as primeiras experiências escolhemos dois bairros fundamentalmente diferentes na cidade de São Paulo. O Brás e a Vila Anglo Brasileira.

As noções de espaço liso e estriado de Deleuze e Guattari – no âmbito do que eles chamariam de “nomadologia” – nos ajuda a falar desses dois lugares e refletir sobre suas ambiências. O espaço estriado seria o espaço da cidade, sedentário, demarcado,

métrico, com suas zonas luminosas bem recortadas. O espaço liso seria o espaço dos nômades, a estepe, o deserto, o vazio, o que não está demarcado, corresponde ao que Milton Santos chama de “zonas opacas”. (JACQUES, 2012, p.26) O Brás seria um espaço rigorosamente estriado, com zonas de atração delimitadas, praticadas cotidianamente. O mapa deste bairro tem fendas em certas ruas enquanto outras representam lacunas, não são praticadas, são espaços em branco como os que vemos nos mapas de Debord. A deriva neste bairro deu luz aos vazios neste mapa, redesenhando-o em nosso imaginário. Por sua vez, a Vila Anglo Brasileira configura a dita zona opaca, lisa. É formado basicamente por casas que, para o transeunte funcional, não possuem nenhum tipo de chamariz, é um conjunto de intimidades anônimas. Bairro sem espetáculo, sem ofertas a quem passa apressadamente. Na deriva por este lugar, nos permitimos aderir a esse conjunto de pequenas privacidades, ao sabor de sua topografia irregular.

No Brás, a entrevista passo se deu com José Valdir Albuquerque, 47 anos, residente há 10 anos na esquina da Rua Piratininga com a Rangel Pestana, cenógrafo e ator. Na Vila Anglo Brasileira, Sandra Ximenez, também de 47 anos, moradora há 6 anos da Rua Felix Della Rosa, cantora e performer.

Entrevista Passo #1: Brás

O entorno é hostil para quem caminha e a atitude *blasé* é estratégia de sobrevivência. Para anestesiá-lo momentaneamente, para não se chocar com o que vê, para ter o mínimo de aderência possível com o espaço. O desejo é de não pertencer.

As pessoas não vêm para o Brás com um espírito contemplativo, existe até uma certa agressividade, de quem só vem para fazer o melhor negócio. Os comerciantes são quem tem poder aqui, os moradores são uma minoria e estes são estrangeiros, ou gente de classe baixa... quem tem força aqui são os comerciantes, que não tem carinho pelo Brás.

Rua Rangel Pestana. “Oceano humano” e suas correntes. Vórtices. Só que o fluxo é nervoso e lento, parece mais lava do que água, é quente. Isso... Água não. É magma.

O movimento em certas ruas lembra o dos insetos que se aglomeram em torno da luz.

No Brás, é intenso o contraste entre as zonas luminosas e as escuras.
Chiaroscuro.

[passamos pelo viaduto do gasômetro] Essa calçada é muito estreita! Tem 70 centímetros de largura. Aqui tem uma escola e outra ali... Você vê de manhã as crianças passando pelo meio da rua. E é um viaduto importante. Liga o Largo da concórdia e a Rangel Pestana... Agora vamos ter que andar na rua, por exemplo.

[forte barulho de carros] Se o caminhante rebelde consegue, sair da fenda, da luz, cai-se num espaço lento e, agora sim, líquido.

Rua do Lucas. Rua Fernandes Silva. São prédios de uma singeleza quase desconcertante. Onde foi que atravessamos o túnel do tempo? Varandas. Muitas. Fachadas desenhadas com uma delicadeza que chega a desconcertar. Tudo camuflado pela sujeira, que tenta deixar tudo homogêneo marrom.

É difícil alguém comprar um terreno pra construir casa aqui no Brás. As casas que tem, o pessoal compra, faz uma lanchonete em baixo, depois um depósito em cima, depois outro mais em cima... e tenta explorar o terreno ao máximo pra dar lucro.

Você olha as calçadas... [ruído alto de carro] quem tem força pra mudar isso é o comerciante, porque os moradores são meia dúzia, a maioria é estrangeiro, muito chinês, muito colombiano... muita gente de baixa renda... classe media baixa... nao tem associação de bairro nem nada. Mas os comerciantes realmente não estão nem ai... colocam caminhão sobre a calçada, detona tudo em meses.

Motos, carros, motos, muito barulho. É difícil conversar aqui. Não nos ouvimos muito bem.

Aqui é a Rua do Hipódromo.

Bonita essa árvore toda seca.

Bonita essa grade também.

O Brás acaba certinho na Rua Bresser.

Entramos na R. Dr. Ricardo Gonçalves.

Nessas ruas aqui tem muito vestuário. O que eu acho é que as lojas vendem produtos muito parecidos. Roupa que todo mundo usa. Muita gente, muito produto, muito colorido. Eu gosto muito desse “vuco-vuco”. Tudo muito num lugar pequeno. Quando eu vou pra um lugar mais tranquilo dá uma saudade dessa bagunça...

(menos barulho de carros)

Olha a fiação arrastando no chão...
Carro parado em tudo que é lugar...
Edifício Emanuel, Rua Almirante Barroso, 29.

Igreja metodista no Brás.

Esse lado é mais bem cuidado.

Olha que louco esse prédio, esse varandão.

[Passa um carro de som]

Aos domingos, nestas ruas não há ninguém. No máximo alguém fazendo manutenção de lojas. É bom pra correr, fazer caminhada, porque também não tem trânsito.

Cruzamos a Maria Marcolina.

Essa rua é a Firmino Withaker.

[musica eletrônica alta]

Antes ali era uma fábrica grande, virou um shopping desses.

[Passa homem gritando almoço a vontade 10 reais!]

Olha que lindas essas fachadas, antigas. O que eles faziam antes era colocar uma grande placa de alumínio pra esconder a fachada, porque fazer a manutenção delas é muito caro. Com essa lei de preservação das fachadas, é obrigatório fazer a manutenção, o Gasômetro agora está lindo. Esses detalhes da rua só se percebe andando descompromissado e principalmente no fim de semana.... Para andar aqui durante a semana você não pode vacilar se não é atropelado por uma pessoa, ou por um carro... então você anda armado, estressado, correndo.

Aqui é o viaduto do gasômetro. Tem essas ilhas de casas.

[muito muito barulho de carros] Olha ali, tem uma galinha em cima do teto!

Aqui já estamos no gasômetro.

Vamos entrar aqui e pegar a zona cerealista, que já é um comércio totalmente diferente. É uma zona mais preservada. [barulho de carros carros carros]

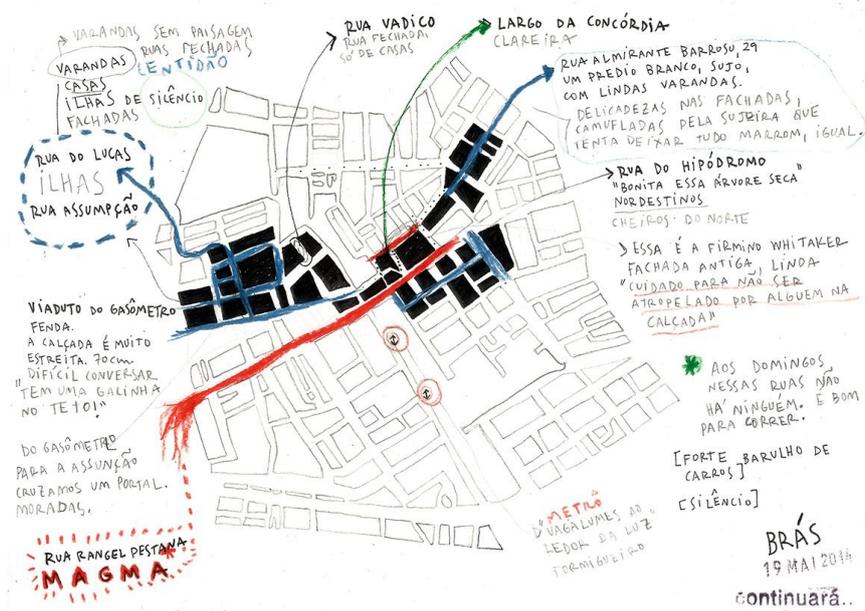
Rua do Lucas, Rua Fernandes Silva.

Olha essa varandinha!

Esse predinho é um luxo! Seria incrível se não estivesse tão mal tratado e localizado aqui... Parece Paris!

[Fim da deriva]

Esboço Mapa Brás #1



Entrevista Passo #2: Vila Anglo Brasileira

[respiração ofegante] Uma das coisas desse bairro é que ele não tem calçada pra andar. As ruazinhas são todas assim... Tem muitos grafites aqui né? Muitos... e são incríveis.

Dona Nenê, minha vizinha, nasceu aqui, ela deve ter 80 anos. Nasceu na casa onde mora. Ela fala que quando veio casar ali naquela igreja onde passamos, a rua era de terra, estava cheio de lama e ela tinha medo de sujar todo o vestido... Há 50 anos atrás mais ou menos.

E só tem praticamente casa né? [cachorros latem, barulho de carros].

Dizem que além do relevo, de ruas estreitas e muito sobe-desce, sob a terra tem lençóis freáticos [barulho de jipe]... então parece que não tem mesmo como construir prédios...

As cortinas das janelas ao alcance dos olhos é tão sensual. O vento acaricia o tecido e deixa ver um pedaço de sala, de quarto.

Olha isso, um brechó na varanda... [silêncio e respiração ofegante...barulho dos passos no chão]

Você tem bastante relação com os moradores daqui? Na minha rua sim, todos se cumprimentam cordialmente, é bem bairro mesmo. A gente sente um pouquinho uma comunidade... só meu vizinho do lado não se relaciona muito.

Olha aquele piso de caquinhos vermelhos... dizem que é típico daqui de São Paulo... Sim, isso pra mim me lembra minha infância aqui em São Paulo. Tem uma outra pracinha ali que podemos ir de novo na volta, que tem uma casa que me lembra muito a casa da minha avó, com os mesmos azulejinhos vermelhos...

Eu fico pensando muito na diferença entre este bairro e o centro, porque eu ando muito por aqui e muito pelo centro também e as vezes eu fico com vontade de experimentar uma ação de intervenção num lugar assim mais bairrão mesmo... Pegar uma pracinha dessas e ocupar ela o dia inteiro, por exemplo... O que surtiria disso. Mas a gente tem vontade de ficar no meio da muvuca, onde a cidade é conflituosa... Pra a gente é mais interessante... Por outro lado, de repente, aqui, as pessoas tenham mais condições de fruir talvez ou.... se questionar pelo que você está fazendo, porque ela está num outro ritmo.... Eu teria vontade de experimentar...

Esse bairro aqui tem um quê de periferia, tem muita gente de baixa renda, muita casinha de fundo ai por trás... Dá pra sentir que tem uma mistura, é. Parece que é uma coisa de tempo.... tenho a impressão que antigamente era um bairro com uma classe social tal e agora, talvez, tenha outras... Parece que as casinhas antigas são mais humildes... [latido de um cachorro pequeno]. Olha ali uma casa pintada de Laranja... Linda cor! Nem parece uma residência.

Essa rua que estávamos agora era a Gurupá. Agora é a Queimada Grande.

É distrito de Perdizes, mas é tão longe de Perdizes aqui né? Estranho... Parece Pompéia... Mas podia ser Lapa também, ali já é a Aurélia

[passa um grande carro de som vendendo biscoitos caseiro “docinhos e salgados de fabricação própria...”]

Tem essas ruelas que surgem no espaço entre uma casa e outra, vazios tomados por um gramado rebelde, lugares sem nome.

Pra andar de bicicleta aqui é difícil!! [respiração ofegante] Pra descer o santo ajuda agora pra subir...

Atravessamos a Rua Aurelia e estamos na Bento de Abreu. Olha as pedrinhas vermelhas, de novo.

E aquela casa ali... a praça é o quintal da casa! Tem muita casa aqui que tem isso, o fundo da casa dá pra a praça. Tem nome essa pracinha? Não sei, vamos ver se achamos... Não achamos. Tem até uma mesinha pra jogar xadrez... Mas recentemente deram uma arrumada nela, cortaram a grama e limparam, nem sempre está bonitinha, as vezes está mais largadão. Geralmente tem gente? Nem sempre, às vezes tem um morador de rua dormindo, duas pessoas com cachorro...

Você sabe que árvore é essa da casca branca? Não sei, tem muitas por aqui... Elas trocam sempre de casca por isso é limpa assim... Parece um couro de vaca, sei lá... É. Isso acontece com os plátanos também. Não é uma árvore tão boa pra a calçada, ela explode o chão da urbe... Dá vontade de acampar nessa praça... (cachorro late).

Aqui, a corporeidade dos homens lentos é obrigatória (risos)

É, mas eu as vezes ligo um motor paulistano e não “lentifico”, não... [carro]

Essa casa é demais, tem um banheirinho por fora...

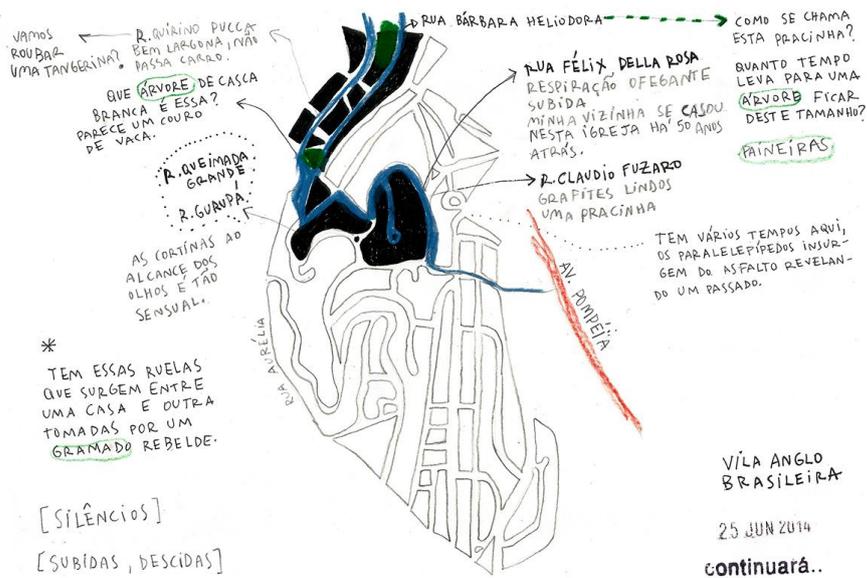
Rua Quirino Pucca... essa rua é bem agradável, ela é bem largona e não passa muito carro. Lembrei daquela relação rua - ruga... Parece que tem vários tempos aqui, os paralelepípedos insurgem do asfalto revelando um passado... Certas partes da cidade que estão sendo “lavadas”, não deixam resquício de nada, passam um alvejante e não sobra nada, nenhum resto do que passou. Sim, esses dias fui pra perdizes e me senti muito mal lá, até sofri uma violência verbal que raramente me acontece... Lá as pessoas estão começando a viver dentro de gaiolinhãs.

Tem uma poesia essa casinha, olha as tangerinas. Vamos roubar uma! Peguei... a porta está aberta. [barulho de pés andando] Uh, está muito azeda!!!

Aqui tem umas paineiras maravilhosas, é essa árvore que tem uns espinhos no caule. Elas estavam floridas em SP, dá flores enormes e painas. Na marginal tem muito... essa é uma paineira criança, o tronco está verde... Quanto tempo demora pra uma árvore ficar desse tamanho?

[Fim da deriva]

Esboço Mapa Vila Anglo Brasileira #1



Palavras finais

Este trabalho está em processo inicial e se dá intensamente a partir de uma prática do corpo no espaço urbano, através das *entrevistas passo*, procedimento do qual partimos, quanto da experimentação gráfica com os materiais. De fato, nossa errância urbana orienta conceitualmente a busca das narrativas imagéticas aqui proposta - partimos do erro, para chegar a representações. Anotações, rabiscos, vozes gravadas, fotografias, tudo isso nos interessa, forma nosso “banco de dados” e a forma final partirá da lida cotidiana com o que iremos encontrando nas *situações* criadas, imprevistas.

¹ A Internacional Situacionista (IS) foi um movimento internacional de crítica social, cultural e política que reuniu escritores, arquitetos, cineastas, artistas plásticos e de outras linguagens. O termo "situacionismo", vem da ideia de que os indivíduos devem construir, de forma lúdica e anárquica, em seu cotidiano, situações para além do racionalismo e funcionalismo capitalista, especialmente no espaço da cidade, entendendo o meio urbano como o tabuleiro de um grande jogo. Guy Debord foi um dos principais ideólogos do grupo. A IS atuou de 1957 a 1971.

² *Onde fica a casa do meu amigo?* Direção: Abbas Kiarostami: Irã, 1987. DVD (83 min).

Bibliografia

BARBOSA, L. L. *Design sem Fronteiras: a relação entre o nomadismo e a sustentabilidade*. São Paulo: Edusp/ FAPESP, 2012.

CARERI, F. Walkscapes: *O caminhar como prática estética*. São Paulo: Editora G. Gili, 2013

DEBORD, G. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

Deleuze, G; e Guattari, F. *Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, vol 1* São Paulo: Editora 34, 1996.

GUY, E. Debord(er) la carte. Disponível em:< <http://strabic.fr/Debord-er-la-carte#nb6-2>>. Data de acesso: 7 de agosto de 2014

JACQUES, P.B. (Org.). *Apologia da Deriva - escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JACQUES, P.B. *Elogio aos Errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.

JACQUES, P.B. *Errâncias urbanas: A arte de andar pela cidade*. In: REVISTA ARQTEXTO 7. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

MESQUITA, A.L. **Mapas dissidentes. Proposições sobre um mundo em crise (1960 – 2010)**. 2013. 248 f. Tese de doutorado – Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013